

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-643-0

DOI 10.22533/at.ed.430201512

1. Epistemologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Ciências humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A obra “Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas volume 3” reúne 25 artigos de autoras/es diversos sobre temas relacionados às ciências humanas, tornando-a uma obra interdisciplinar que permite às leitoras e aos leitores terem acesso à pesquisas desenvolvidas no Brasil sob os mais diversos aspectos teórico-metodológicos.

Este é o terceiro volume lançado pela Atena Editora cujo mote é apresentar de maneira clara, objetiva, concisa e atual, estudos desenvolvidos nas ciências humanas, nas áreas de ensino e pesquisa, com estudos de caso, estudos comparativos, iconográficos, estatísticas, catalogação, relatos de experiência, dentre outros.

Neste sentido, a obra está dividida em duas seções, sendo a primeira destinada a artigos de pesquisa e a segunda a artigos que trazem aspectos acerca da educação. A linha condutora da obra são os mais diversos tópicos que rodeiam as ciências humanas de pesquisadores em formação inicial e/ou continuada no âmbito da pesquisa e do ensino com artigos abordando assuntos atuais e uma vasta bibliografia.

Sendo assim os artigos, em sua mais diversa abordagem, versam sobre os temas: iconografia, cidades brasileiras e estrangeiras, patrimônio (cultural, imaterial, ambiental urbano), memória, preservação, sentimento de pertencimento, conflitos linguísticos, culinária/gastronomia, biografias, espaço museológico, plantas místicas, práticas agroalimentares, concepções de paternidade, concepções sobre o feminino, discussões acerca do conceito de colonialidade, bem como educação, formação continuada, práticas formativas, educação ambiental, ação docente, dentre outros assuntos.

Em um momento histórico de alta contestação das pesquisas científicas e da própria universidade, obras como esta são de fundamental importância e resistência para divulgar o avanço das pesquisas brasileiras e ressaltar a capacidade de diálogo entre as áreas. Desta forma a Atena Editora se mostra capacitada, articulada e se torna um espaço de divulgação e debate para que pesquisadoras e pesquisadores possam expor e divulgar suas pesquisas e considerações sob os mais diversos temas, trazendo ampla contribuição aos estudos realizados nas ciências humanas.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A HISTÓRIA DE LONDRINA CONTADA POR IMAGENS: 20 ANOS DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

Paulo César Boni

Cássia Maria Popolin

DOI 10.22533/at.ed.4302015121

CAPÍTULO 2..... 18

MOBILIÁRIO URBANO EM ÁREAS HISTÓRICAS: INTERRELAÇÕES INTRÍNSECAS NA PAISAGEM CULTURAL DE LISBOA E SALVADOR

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015122

CAPÍTULO 3..... 35

A MEMÓRIA DOS MORADORES COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DE UM BEM: O CASO DO HORTO DEL REY EM OLINDA, PERNAMBUCO

Ariadne Paulo Silva

Jeremy Wells

DOI 10.22533/at.ed.4302015123

CAPÍTULO 4..... 50

A HISTÓRIA E TEORIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO MEDIANTE AÇÕES PROJETAIS SOBRE A PAISAGEM CULTURAL

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015124

CAPÍTULO 5..... 69

A CONVERGÊNCIA ENTRE PAISAGEM RURAL E PAISAGEM INDUSTRIAL: O CASO DA MINERAÇÃO À CARVÃO VEGETAL DE MADEIRA EM MINAS GERAIS

Ronaldo André Rodrigues da Silva

José Manuel Lopes Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.4302015125

CAPÍTULO 6..... 85

RETUMBANTE NATUREZA HUMANIZADA COMO A MEMÓRIA DA FLÂNERIE DA AMAZÔNIA EM LUIZ BRAGA

Thiago Guimarães Azevedo

DOI 10.22533/at.ed.4302015126

CAPÍTULO 7..... 94

AS MOQUECAS BRASILEIRAS E OS *CURRYS* INDIANOS: UMA ANÁLISE DE ORIGEM

Maria Luiza Bullentini Facury

Alfredo Ricardo Abdalla

DOI 10.22533/at.ed.4302015127

CAPÍTULO 8	102
PLANTAS MÍSTICAS DA AMAZÔNIA TOCANTINA: AROMAS, RITUAIS E MEDICINA POPULAR	
Dyana Joy dos Santos Fonseca	
José Pompeu de Araújo Neto	
Jeferson Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4302015128	
CAPÍTULO 9	128
BIOMETRIA DOS FRUTOS, SEMENTES E DESENVOLVIMENTO DE PLÂNTULAS DE PATA-DEVACA (<i>BAUHINIA BRASILIENSIS</i> SPRENG. VOGEL) CAESALPINACEAE, FABACEAE	
Katiuscia Freire de Souza	
Marcia Noelle Monteiro de Castro	
Clarice Silva e Souza	
Rosana Gonçalves Rodrigues das Dôres	
Tatiana Vieira Braga	
Juliana Cristina dos Santos Almeida Bastos	
Vicente Wagner Dias Casali	
DOI 10.22533/at.ed.4302015129	
CAPÍTULO 10	140
PRÁTICAS AGROALIMENTARES DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS DE TAPEROÁ, BAHIA	
Sara Conceição dos Santos	
Juliede de Andrade Alves	
Luiza Guimarães Cavalcanti Spinassé	
Ianua Coeli Santos Ribeiro de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.43020151210	
CAPÍTULO 11	152
O SAKPÓ COMO EXPERIÊNCIA DO LIMIAR NO CONTEXTO SATERÉ-MAWÉ	
Solange Pereira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.43020151211	
CAPÍTULO 12	165
AS CONCEPÇÕES DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PATERNA EM HOMENS-PAIS	
Flávio Lúcio Almeida Lima	
Celestino José Mendes Galvão Neto	
Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli	
DOI 10.22533/at.ed.43020151212	
CAPÍTULO 13	181
COLONIALIDADE, MODERNIDADE E DECOLONIALIDADE: EM BUSCA DO GIRO DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.43020151213	

CAPÍTULO 14.....	199
SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO E A IMPORTÂNCIA DO INDIVÍDUO PARA A HISTORIOGRAFIA	
Rosinda da Silva Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.43020151214	
CAPÍTULO 15.....	211
IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: REALIZANDO O CIRCUITO DA TAIPA DE PILÃO EM MOGI: UM OLHAR SOBRE A CULTURA HISTÓRICA DA CIDADE	
Marcilene Romão Santos Iervolino	
Cristina Schmidt	
DOI 10.22533/at.ed.43020151215	
CAPÍTULO 16.....	228
CONFLITOS LINGÜÍSTICOS NO PARAGUAI. EMBATES ENTRE O JOPARÁ E AS LÍNGUAS OFICIAIS: CASTELHANO E GUARANI	
Luciano Marcos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151216	
CAPÍTULO 17.....	247
A CULTURA POLONESA NAS DANÇAS DO GRUPO FOLCLÓRICO KAROLINKA NA CIDADE DE SÃO MATEUS DO SUL – PR	
Ezieli Augustinhak Kaczyk	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151217	
CAPÍTULO 18.....	266
A FORMAÇÃO CONTINUADA SOB O ASPECTO DE PRÁTICAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	
João Gabriel Rossi de Oliveira	
Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151218	
CAPÍTULO 19.....	277
ENSINO DE GEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA	
Vanusa Aparecida Almeida	
Ana Paula de Carvalho Monez	
Luciana Coghi da Cruz	
Luiz Rodrigues	
Maria Margareth Mendonça	
Renata Caroline dos Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151219	

CAPÍTULO 20.....	284
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS ATIVIDADES INTEGRADAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS E ORIENTAÇÃO AMBIENTAL - NEO AMBIENT	
Clezi Conforto Zambon	
Ana Maria Taddei Cardoso de Barros	
Sandro da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.43020151220	
CAPÍTULO 21.....	291
AÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO CONTINUADA: SENTIDOS SUBJETIVOS EXPRESSOS POR UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA	
Sebastião Mateus Veloso Júnior	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151221	
CAPÍTULO 22.....	304
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ENSINO DE CIÊNCIAS: UM RELATO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS PARA TRABALHAR CONCEITOS COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO ENSINO MÉDIO	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151222	
CAPÍTULO 23.....	311
LÚDICO NO ESPAÇO DE MEMÓRIA MILITAR	
Augusto Machado Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.43020151223	
CAPÍTULO 24.....	320
DEU A LOUCA NO MUSEU	
Aline Ferreira Antunes	
Marina Ferreira de Souza Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151224	
CAPÍTULO 25.....	333
MUSEU NACIONAL E COLÉGIO PEDRO II: O DIÁLOGO ENTRE CASAS IMPERIAIS DEDICADAS AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO	
Vera Maria Ferreira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.43020151225	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	349
ÍNDICE REMISSIVO.....	350

IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: REALIZANDO O CIRCUITO DA TAIPA DE PILÃO EM MOGI: UM OLHAR SOBRE A CULTURA HISTÓRICA DA CIDADE

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 04/09/2020

Marcilene Romão Santos Iervolino

Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Mogi das Cruzes (2017). Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Braz Cubas (1993). Pós graduada em Gerenciamento de Recursos Ambientais pela Universidade Braz Cubas (2005). Graduação em Formação Pedagógica pela Universidade Mogi das Cruzes (2000). Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mogi das Cruzes.
ORCID <http://orcid.org/0000-0003-4443-9640>

Cristina Schmidt

Cátetra UNESCO/Umesp.
PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo),
UMESP (Universidade Metodista de São Paulo)
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1208-2061>
CV: <http://lattes.cnpq.br/3658556378253903>

RESUMO: O espaço, a paisagem, locais edificadas ou não, são elementos que proporcionam qualidade cultural e identidade às cidades. As políticas públicas para o patrimônio histórico, um tema emergente e multidisciplinar envolve questões culturais, econômicas e sociais, podendo alterar de modo positivo várias áreas da cidade como a comunicação, a arte, a história, música, gastronomia, arqueologia, mídias, propondo uma intensa valorização da cidade por seus moradores e um sentimento

de pertencimento ao local, a identidade de um povo. Neste artigo objetiva-se identificar o centro histórico da cidade de Mogi das Cruzes, já conhecido regionalmente por suas festas, construções e tradições, elaborando um circuito para visitação a pé pelos edifícios históricos, destacando o sistema construtivo da “taipa de pilão”, uma técnica sustentável utilizada desde a antiguidade. Conhecer a história destas construções arquitetônicas, sua localização, significados, com um olhar pelo centro histórico da cidade de modo simples e inclusivo, prevê a aplicabilidade da base das políticas públicas que é a universalidade. O circuito prevê inclusão a todas as esferas da sociedade.

PALAVRAS - CHAVE: Políticas Públicas culturais; comunicação; patrimônio; paisagem cultural; arquitetura

IDENTITY AND HERITAGE: PERFORMING THE PYLON CIRCUIT IN MOGI: A LOOK AT THE CITY'S HISTORIC CULTURE

ABSTRACT: The space, the landscape, whether built or not, are elements that provide cultural quality and identity to cities. Public policies for historical heritage, an emerging and multidisciplinary theme, involve cultural, economic and social issues, which can positively alter various areas of the city such as communication, art, history, music, gastronomy, archeology, media, proposing a intense appreciation of the city by its residents and a feeling of belonging to the place, the identity of a people. This article aims to identify the historic center of the city of Mogi das Cruzes, already known regionally for

its parties, constructions and traditions, elaborating a circuit for visiting on foot through the historic buildings, highlighting the construction system of “rammed earth”, a sustainable technique used since ancient times. Knowing the history of these architectural constructions, their location, meanings, with a look at the historic center of the city in a simple and inclusive way, provides for the applicability of the basis of public policies, which is universality. The circuit provides for inclusion in all spheres of society.

KEYWORDS: Cultural public policies; Communication; heritage, cultural landscape; architecture

INTRODUÇÃO

Definimos patrimônio como a soma dos bens materiais e imateriais, naturais ou construídos, que uma pessoa, um povo possui e ou consegue acumular ao longo de sua história, segundo Ghirardello e Spisso (2008) quando nos referimos a patrimônio cultural definimos como o conjunto de bens, de natureza material e ou imaterial, que mantem em si referências à identidade, a ação e a memória dos diferentes grupos sociais. É um elemento importante para o desenvolvimento sustentado, a promoção do bem-estar social, a participação das pessoas e a cidadania.

De acordo com CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) é importante a preservação deste Patrimônio para que esses elementos, esses conjuntos de bens continuem fazendo parte da vida das pessoas, mesmo que adquirindo novos usos e significados.

No Estado de São Paulo, O CONDEPHAAT desde 1968, já tombou mais de 500 bens. Eles formam um conjunto de representações da história e da cultura no Estado de São Paulo entre os séculos XVI e XX, cujos bens estão distribuídos pelas várias cidades do estado. Em Mogi das Cruzes a primeira construção a ser tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foi o Conjunto formado pelas igrejas da Ordem Primeira e Terceira do Carmo em 1967. As questões referentes à trajetória do patrimônio histórico da cidade puderam ser mais bem amparadas com a criação do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes, COMPHAP, Lei Municipal 5.500 de 30 de maio de 2003, que neste mesmo ano foi presidido pela arquiteta Ana Sandim.

Segundo o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) um edifício tombado garante que ele não venha a ser destruído, demolido ou reformado sem critérios perdendo suas principais características arquitetônicas. Tombar significa um ato administrativo realizado pelo poder público no qual são preservados esses bens, sejam estes históricos, arquitetônicos, culturais, arquitetônicos, ambientais ou mesmo que simbolizem a trajetória de um povo ou lugar, bens materiais ou imateriais. Tombamento é um dos instrumentos de proteção do patrimônio nacional, instituído em 1937.

A palavra tomo, significa registro e começou a ser utilizada pelo Arquivo

Nacional Português, fundado por D. Fernando, em 1375, e sendo utilizado em uma das torres da muralha que protegia a cidade de Lisboa; com o passar do tempo, o local passou a ser chamado de Torre do Tombo, onde eram guardados os livros de registros especiais ou livros do tomo. (IPHAN, 2015)

Uma questão importante a destacar segundo o antropólogo Néstor Garcia Canclini (1994) seria uma redefinição de patrimônio, integrando a cultura popular, como um legado deste patrimônio histórico, não somente os bens produzidos pelas classes hegemônicas, mas também aqueles criados pelos grupos populares, e não apenas os ligados às camadas aristocráticas, envolvendo músicas indígenas, textos de camponeses e operários, elementos que devem ser incluídos como bens culturais a serem preservados.

Neste artigo pretende-se identificar o centro histórico da cidade de Mogi das Cruzes, sob um novo olhar, objetivando essencialmente a universalidade, a inclusão de seus moradores, implementando a elaboração de um roteiro histórico, envolvendo edifícios tombados ou não da cidade, mas que possuem representação à população, e primordialmente atinja a todas as camadas da sociedade.

Canclini (1994) comenta em sua definição de patrimônio a questão da desigualdade, o acesso que a população possui a estes bens, principalmente aos bens tombados, cita que teoricamente os bens devem pertencer a todos, mas comumente diversos setores sociais se apropriam de forma desigual da herança cultural de um país, o antropólogo contextualiza que não bastam políticas públicas culturais criando museus ou espaços de cultura, além de outras instituições; é necessário a criação de programas de incentivos a população para que estas frequentem estes locais históricos, a população também deve fazer parte da história, há muita desigualdade na formação do patrimônio das cidades, é preciso a participação dos muitos grupos sociais.

Ao contar a história de um povo, da formação da cidade, muitos fatores devem estar envolvidos, é preciso que haja um sentimento de pertencimento à cidade pela população, de que também seus antepassados fizeram parte daquele momento da história. Nos edifícios arquitetônicos devem ser destacados seus métodos construtivos, sua mão de obra empregada, seus operários, a visão da época e quantos significados forem necessários relembrar.

O roteiro de visitação a pé pelo Centro de Mogi das Cruzes, pretende não apenas citar o paradigma de ser um roteiro religioso pelas igrejas ou histórico pelos seus edifícios coloniais, mas o olhar do conhecimento, do envolver-se com a cidade, com destaque ao método construtivo da “taipa de pilão”, aplicado em algumas construções da cidade no período colonial e que evoluiu em seu modo executivo tornando-se uma importante técnica da arquitetura bioclimática na contemporaneidade.

A expressiva paisagem cultural da cidade, faz-se necessária quando é conhecido seu histórico por todos que ali transitam, a elaboração de tal circuito na região central pode estabelecer novos critérios de preservação e valorização arquitetônica.

MÉTODO

Este projeto de pesquisa propõe a realização de um estudo de natureza qualitativa, com um tipo de recorte transversal, dentro da modalidade descritiva.

Levantamento e descrição de algumas construções históricas existentes no centro histórico de Mogi das Cruzes, abordando seus significados e o posicionando na cidade, objetivando a formação do roteiro arquitetônico temático.

As bases para fundamentação foram em artigos científicos específicos da área de patrimônio histórico, os quais possuem requisitos para valorização de uma produção científica.

Formulações referentes à legislação de patrimônio histórico em órgãos a nível federal como o IPHAN, estadual CONDEPHAAT e municipal COMPHAP.

CONHECENDO MOGI: “RIO DAS COBRAS”

MORAES (2010) cita que o nome Mogi vem de M´Boigy, que significa “rio das Cobras”. E “das Cruzes” refere-se aos marcos em forma de Cruzes colocados nos caminhos pelos viajantes. Segundo MORAES (2010), não existem documentos que comprovem a existência de povoamento na região de Mogi feito por colonos no primeiro século da colonização, o surgimento ocorreu no início do século XVII. A pequena vila de Mogi das Cruzes, durante muito tempo serviu de passagem para os viajantes, pessoas que se dirigiam a Minas e ao litoral, um pequeno povoado de passagem.

As habitações urbanas estavam localizadas entre as igrejas do Carmo e a Matriz, posteriormente se alongando em direção à Igreja dos Rosário e num eixo perpendicular a este e direção a igreja do Bom Jesus. Na modéstia de dezesseis ruas iluminadas por lâmpioes. (MORAES, Nova História de Mogi das Cruzes, 2010, p.104)

Para Leite (2013) nos tempos atuais as ruas da cidade de Mogi guardam lembranças vivas na forma dos prédios antigos, e cita que apenas na região central pode-se durante um pequeno trajeto e ou passeio encontrar mais de dez prédios dos quais igrejas e casarões restaurados. Alguns com novas funções e serviços. Com estas referências a história pode ser contada a qualquer momento.

Joaquim (2013) cita que Mogi das Cruzes possui seis manifestações selecionadas como bens patrimoniais imateriais, pelo COMPHAP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes) e pelo COMUC (Conselho Municipal da Cultura) em 2007, são eles Festa do Divino Espírito Santo, Festa de São Benedito, Congada, Entrada dos Palmitos, Afogado e Moçambique. Manifestações que estão descritas no Edital nº 44, de 28 de dezembro de 2009 e Decreto 7970 de 10 de setembro de 2007 segundo o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico

Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes (COMPHAP, 2007).

Os edifícios arquitetônicos, alguns estão em processo de tombamento, o primeiro tombamento como citado foi o conjunto colonial formado pelas igrejas das Ordem Primeira e Terceira do Carmo em 1967, a restauração, e a proteção no entorno de bens tombados como esse (um raio de 300 metros) em 1982, a criação da Lei do Tombamento municipal e sua regulamentação em 2007, além do casarão do Chá também tombado, uma construção em taipa localizada a alguns quilômetros do centro da cidade.

A Secretaria Municipal da Cultura e Turismo possui uma listagem de edifícios e locais importantes à cidade, como roteiro de visitação, segundo Guimarães (2008) muitos locais durante muito tempo não recebiam a devida importância, não estando nem em condi es de visita o; sendo necessárias reformas e restaura o.

Para o COMPHAP a preserva o de um bem cultural, impede sua destrui o, e se torna visível a todos quando este bem cultural se encontra em bom estado de conserva o, propiciando sua utiliza o, mesmo que seja em uma nova leitura. Quando a constru o   tombada, suas características arquitetônicas devem permanecer, características as quais determinam seu período de constru o, tais como ornamentos, pisos, alvenarias entre outros, cada edifício deve ter seus critérios estabelecidos, critérios os quais favorecem o passeio cultural tornando-se elemento de base às explica es durante o roteiro.

UM OLHAR SOBRE A ARQUITETURA, CIRCUITO A P  PELO CENTRO HISTÓRICO

O roteiro de visita o a p  pelo centro histórico de Mogi prevê o conhecimento de sua história   seus moradores, aos mogianos e pessoas que por ali estão de passagem, assim como foi no início de sua forma o como vila, nos dias de hoje, ainda são muitos os que estão “s  de passagem” pela região, estudantes, profissionais, trabalhadores, jovens que veem a cidade com o intuito de aprender, adquirir uma profissão, e porque então não conhecer a origem da cidade, sua história.

Canclini (1994), afirma que   preciso ter uma nova no o sobre o que   o patrimônio; além de um estudo efetivo e resgate deste patrimônio, apropriando-os de forma coletiva e democrática, dar novos usos, significados e compartilhá-lo. Assim como ampliar a questão dos edifícios que contam a história da cidade, de um povo, outras constru es têm com seu valor histórico devem estar inseridos no roteiro arquitetônico da cidade, demonstrando que o patrimônio não deve restringir-se a alta classe do período colonial.

Para Guimarães (2008) alguns locais que fazem parte da história da cidade sempre são destacados nesta temática, as quais apresenta-se as principais: o quadrilátero do Largo do Carmo, com as Igrejas da Ordem Primeira e da Ordem Terceira; o Museu Histórico “Professora Guiomar Pinheiro Franco”; Igreja de São Benedito; o Casarão do Carmo; Casa da Câmara; o Teatro Vasques; Escola Estadual Coronel Almeida, uma das primeiras escolas

do município, edificada em 1910, que ainda mantem características arquitetônicas originais ; a Corporação musical Santa Cecília; edifício construído em estilo eclético, em 1933, o Cine Odeon, inaugurado em 1936; a Praça Firmina Santana, antiga estação rodoviária, edifício em estilo Art Deco ainda existentes; a Catedral de Sant’Ana, construída no mesmo local onde havia a antiga igreja, foi inaugurada em 1968; o Museu das Igrejas do Carmo, no complexo das igrejas, foi inaugurado em 02 de fevereiro de 2005. (GUIMARÃES, 2008).

Alguns destes edifícios pela proximidade e facilidade na elaboração do mapa esquemático, farão parte do circuito arquitetônico a pé, destacando seu histórico arquitetônico e principalmente as técnicas construtivas utilizadas seus métodos e durabilidade. Descrição de arquiteturas históricas que farão parte do circuito:

- Marco Zero

Monumento denominado marco zero, o qual inicia-se o roteiro arquitetônico, o monumento foi executado no ano de 1935 em mármore e granito, refere-se à localização do primeiro povoado de Mogi. (COMPAPH, 2015).

- Museu Histórico Profa. Guiomar Pinheiro Franco (Figura 1)

Este museu histórico foi construído no século XVIII, sua arquitetura representa a única casa de dois pavimentos tipo sobrado em estilo colonial da cidade, caracterizando-se como construção paulista do período, critério estabelecido através dos materiais e técnicas empregados e pelo estilo apresentado, a casa foi executada utilizando a técnica da taipa de pilão, técnica construtiva realizada com barro. A construção sobre o alinhamento das ruas e limites dos terrenos conservam suas características coloniais, tais como paredes brancas e janelas simétricas em tons escuros, o estilo arquitetônico do período colonial tinha por objetivo garantir às cidades brasileiras a mesma aparência das cidades portuguesas. (HUE, 1999).

Reis Filho (2001) afirma que as plantas deste período possuíam sempre a mesma configuração, as salas e lojas ficavam á frente da construção, na fachada frontal, e aos fundos posicionavam-se os locais de permanência das mulheres e áreas de serviço, no caso de sobrados como esse; o pavimento superior era privativo á família, que a circulação se dava por extenso corredor que interligava a porta de entrada aos fundos. Segundo Hue (2001) os pisos das edificações coloniais eram diferenciados conforme a classe social, nos sobrados eram executados com assoalho de madeira; e nas casas térreas que sugeriam configuração mais simples eram de chão batido.

Nesta residência posteriormente, os dois pavimentos passaram a ser de uso residencial, até o final do ano de 1999, quando faleceu a sua última moradora, a Profa. Guiomar Pinheiro Franco. A partir de 2002, passa a receber a denominação de Museu Histórico “Profa. Guiomar Pinheiro Franco”. (COMPAPH, 2015).



Figura 1. Museu Histórico Profa. Guiomar Pinheiro Franco.

Fonte: Foto da Autora (2011)

- Igrejas das Ordens Primeira e Terceira do Carmo (Figura 2)

Conforme COMPHAP (2015), a arquitetura deste conjunto representa a arte religiosa do fim do século XVIII em São Paulo. A igreja da Ordem Terceira apresenta exteriormente paredes brancas onde as aberturas, portas e janelas em arcos e cor escura são referenciais à arquitetura colonial, a construção merece destaque pelo interior com pintura expressiva do forro, de autor desconhecido, representa a pintura paulista do período anterior ao auge do café. As igrejas (Figura 2) tiveram as obras de restauro iniciadas na década de 70, e foram concluídas em 1984. A Igreja da Ordem Terceira possui um painel em madeira entalhada, no Estilo Barroco-Rococó, localizado atrás do altar, denominado retábulo, o altar apresenta forro decorado com pinturas ilusionistas no estilo das igrejas barroco-mineiras. Pintura do forro da sacristia com detalhes de influência asiática, detalhes os quais demarcam período arquitetônico de destaque às igrejas. O Conjunto formado pelas igrejas da Ordem Primeira e Terceira do Carmo, foram tombadas e restauradas em 1967, pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), conforme Resolução de Tombamento IPHAN em 04/9/1967, ex-officio em 12/05/1982, e Decreto Municipal n.º 701/1979.



Figura 2. Igrejas das Ordens Primeira (data de 1633) e Ordem Terceira do Carmo (do final do mesmo século).

Fonte: Foto da Autora (2012)

- Teatro Vasques (Figura 3)

Segundo o COMPHAP (2015), a ideia da construção deste edifício nasceu do movimento de um grupo de mogianos que buscavam um espaço desta configuração para a cidade na época, que arrecadaram o dinheiro necessário vendendo ações. Com o objetivo alcançado as construções iniciaram-se em 1901 e o edifício do Teatro foi inaugurado em 06 de dezembro de 1902. O teatro foi fechado pelo Estado Novo na década de 30, e reaberto em 1948 para abrigar a Câmara Municipal. A partir de 1980, o teatro é reformado e reinaugurado, e denominado Teatro Municipal “Paschoal Carlos Magno”. O prédio novamente passa por uma reformulação, alterando seu interior, cenografia, pintura e camarins. Após nova reforma em 2002, o Teatro volta a chamar-se “Teatro Vasques”, nome de sua configuração inicial e passa a funcionar como seu projeto inicial com arte e espetáculos. (COMPHAP, 2015).

O prédio do teatro foi tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes – COMPHAP de acordo com o Decreto Municipal n.º 9.241/2008, e RESOLUÇÃO Nº 02, de 09 de outubro de 2012 o qual afirma que deverão ser protegidos alguns importantes elementos arquitetônicos do bem tombado, nestes elementos arquitetônicos detalhes que guardam suas características nas quais estão alvenarias, paredes internas e externas, caixilhos, portas, entablamentos arquitetônicos como arquitraves, frisos, cornijas, elementos da marquise e frontão, balaústres e molduras, deixando as características arquitetônicas essenciais do edifício .



Figura 3. Teatro Vasques, construção de 1901.

Fonte: Foto da Autora (2016)

- Casa da Câmara

A Casa da câmara, um edifício construído em 1860, sediou a Câmara Municipal até 1929. Com a saída da Câmara, abrigou a Escola Normal, o Ginásio do Estado, a Escola Técnica Industrial e, atualmente sedia o Arquivo Histórico “Historiador Isaac Grinberg”, Biblioteca Pública Municipal “Benedicto Sérvulo de Sant’Anna”, Divisão do COMPHAP. Esta construção que também fará parte do roteiro, foi executada com o método construtivo da taipa, técnica típica do período colonial, apesar da técnica do período, o Edifício possui características de estilo neoclássico, tais como frisos, molduras nas portas e janelas, frontão na fachada e sua volumetria segue a estética de ocupar o lote sem recuos frontal ou lateral, no alinhamento da rua. Segundo o COMPHAM o edifício encontra-se em processo de tombamento pelo CONDEPHAAT.

- Capela São Sebastião

De acordo com o COMPHAP, 2015 a Capela foi construída em memória a um rapaz que era tido como escravo, denominado Sebastião, enforcado no ano de 1839, por agredir seu senhor em legítima defesa. Os moradores mais antigos da cidade conhecem esta história, uma cruz foi erguida no local do enforcamento, onde hoje está o edifício do 17º Batalhão da Polícia Militar de Mogi. Em 1900 quando foi construída a nova Casa de Câmara e Cadeia, a cruz foi levada a uma pequena capela construída em 1902, próxima ao local da morte do escravo, a capela foi dedicada a São Sebastião e em memória do S.r. Sebastião. (COMPHAM, 2015).

- Edifício da Corporação musical

Segundo COMPHAP (2015) o edifício foi executado para abrigar a Corporação

Musical da cidade em 1933, o estilo arquitetônico rebuscado remete ao eclético. O prédio está em processo de tombamento pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes.

- Edifício Escola Estadual Cel. Benedito de Almeida

Construção do ano de 1901, denominado inicialmente Grupo Escolar, suas características arquitetônicas originais permanecem, um prédio que representa a arquitetura paulista escolar do início do século XX projetado por o José Van Humbeeck que foi responsável também por outras arquiteturas de edifícios escolares no estado de São Paulo, o projeto arquitetônico com ares neoclássico, eram padronizados, mas suas fachadas eram diferenciadas, personalizando cada projeto para cada cidade ou demonstrando a importância do prédio escolar, a fachada muito imponente, com longas escadarias, elaborada com muitos detalhes molduras demonstrava a posição e importância do prédio escolar para a cidade. (ARAUJO, 2000).

O edifício foi tombado pelo CONDEPHAAT em 2007.

A TÉCNICA DA TAIPA E A CONTEMPORANEIDADE

Em sua maioria as construções do roteiro histórico foram executadas em Taipa de pilão e ou Taipa de Mão, uma técnica construtiva utilizada desde a antiguidade, A taipa de pilão caracterizou todas as construções paulistas dos séculos XVI, XVII, XVIII e primeira metade do XIX (SÃO PAULO, 2015). Com as questões de sustentabilidade, e a busca pela diminuição dos recursos naturais nas cidades, o uso da terra, da argila está sendo visto como uma alternativa quando citamos arquitetura bioclimática, permacultura e bioconstrução.

Para Prompt (2009) essa antiga técnica foi aplicada desde a formação das primeiras cidades, tais como na Assíria com vestígios de 5000 AC, além de trechos da muralha da China, no Brasil foi trazida pelos portugueses e usada em todo período colonial, a técnica era executada em sua grande maioria pelos escravos. Segundo São Paulo (2016) essa técnica construtiva de origem árabe utilizada na execução de paredes, e determinado pelo forte apiloamento de terra úmida entre dois pranchões de madeira removíveis, formando uma forma.

De acordo com Pisani (2008) muitos são os termos os quais aplicamos o uso de construção com a terra; dentre alguns argila, barro, terra e solo todos com o mesmo significado. As vantagens deste sistema também podem ser descritas como: favorável, pois pode regular a umidade interna devido ao uso da terra favorecendo o conforto térmico dos ambientes, a terra absorve calor: como outros materiais densos como as alvenarias de pedra, o barro armazena o calor durante sua exposição aos raios solares e perde-o lentamente quando a temperatura externa estiver baixa, técnica utilizada em locais de clima quente. A energia a ser utilizada nesta técnica tende a ser reduzida pois ao contrário

dos tijolos e blocos que necessitam de queima em sua execução e tornam-se prejudiciais a atmosfera pois emitem gás carbônico, a energia emitida na execução dos blocos feitos de argila é quase nula pois ao contrário da queima são secos e não queimados. Devido a espessura das paredes, que são mais grossas neste sistema também favorecem a acústica além do conforto térmico.

O adobe, o superadobe, um bloco também feito de argila, atualmente vem sendo empregado em bioconstrução, construções alternativas e arquitetura vernacular, podendo-se adicionar porcentagens de cimento, aditivos e ou fibras, conceituando uma evolução do bloco de adobe da antiguidade. Muitas destas técnicas acabam não sendo utilizadas na contemporaneidade pela grande maioria, devido a imagem de algo precário que é passada, pois o material pode ser mais acessível à execução e de baixo custo, a evolução da industrialização e das novas tecnologias emitem essa errônea imagem, mas uma outra percepção da história como a valorização dos materiais originais em construção históricas caracterizando o conforto térmico e a durabilidade nos edifícios está promovendo uma nova questão a ser vista, valorizando essa construção e essa importante técnica. (BRASIL, 2008).

No período colonial brasileiro, as técnicas eram denominadas Taipa de Pilão (por ser socada, apiloada), a forma que sustenta o material durante a secagem é denominada taipal (a forma). Já a Taipa de mão (ou pau a pique) eram aplicadas sobre a estrutura de madeira e ou bambu trançada e lançadas manualmente, fechando os buracos entre os trançados. A contemporaneidade, com a escassez dos recursos naturais e o impacto das construções sobre o meio ambiente traz um certo questionamento sobre a aplicação e extração de muitos materiais na área civil, o conhecimento de técnicas do passado menos agressivas ao meio, as tornam atemporais, podendo favorecê-las e aperfeiçoá-las.

Descrições de mais alguns exemplos de Construções de Taipa em Mogi das Cruzes, implementando o roteiro da Taipa:

- Casarão do Carmo (Figura 4)

Construção do século XIX, em Estilo Colonial, de taipa de pilão e taipa de mão, foi construído para servir de residência a importante família da cidade e a partir dos anos 30, abrigou diversas atividades culturais e comerciais, até ser desapropriado e restaurado pela prefeitura municipal na década de 80, a partir de então vem sendo ocupado para atividades culturais facilitando e permitindo a visitação, ponto favorável ao roteiro arquitetônico. O casarão foi tombado pelo COMPHAP através do Decreto Municipal n.º 9.226/2008 e RESOLUÇÃO N.º 01, de 14 de fevereiro de 2012, representando um exemplo de construção da época colonial na cidade de Mogi das Cruzes. O Casarão do Carmo está localizado próximo as Igrejas da Ordem do Carmo. O edifício guarda suas características coloniais (Figura 5), cobertura em quatro águas com telhas de barro, paredes em pintura branca, portas e janelas que remetem ao estilo grandes aberturas, em madeira, internamente o casarão abriga alguns moveis característicos, assim como o típico assoalho de madeira

existente nas residências da alta classe social da época.



Figura 4. Casarão do Carmo.

Fonte: Foto da Autora (2016)

- Casarão do Largo Bom Jesus (Figura 5)

Construção da segunda metade do século XIX (1870), construído em taipa de pilão e taipa de mão, tipologia de residência e comércio. Localizado no Largo do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. O casarão no período colonial era um favorável ponto de comércio aos viajantes, que ali faziam sua parada, o edifício conserva suas características coloniais, implantado no alinhamento da rua e sem recuos, possui paredes espessas em taipa, aberturas e vãos em madeira, seguindo a tradicional configuração do período. (COMPHPAP, 2015),



Figura 5. Casarão do Largo Bom Jesus.

Fonte: da Autora (2012)

- Igreja de São Benedito - Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (Figura 6)
Localizada no Largo Bom Jesus, segundo COMPHAM, 2015, edifício do final do século XVIII e início do XIX, a igreja foi construída de taipa de pilão e taipa de mão. O espaço em frente à igreja é também conhecido como Largo de São Benedito, a mesma denominação recebendo a Igreja pela imagem do santo existente em seu interior.

Conforme cita a Diocese de Mogi as Cruzes (2015), a construção foi entre 1747 e 1889, e além da taipa de pilão que caracteriza o edifício como exemplar da período, o mesmo possui dentre seus materiais utilizados ladrilho hidráulico em quase todo o piso, no corredor interno lateral placas largas de paralelepípedo, as mesmas que compõem a calçada externa no contorno do edifício da igreja, os tetos são em madeira curva e possuem pinturas decorativas.



Figura 6. Igreja de São Benedito.

Fonte: Foto da Autora (2015)

Objetivando o artigo, o roteiro para visita o a p  do centro histórico de Mogi, apresenta um entorno onde   possível prosseguir por importantes edifícios da cidade de modo linear, identificando sua arquitetura, entendendo passagens da forma o da cidade; conforme sugere o mapa. (Figura 7).

Mapa do roteiro para visita o a p :

O Roteiro peatonal da Taipa:

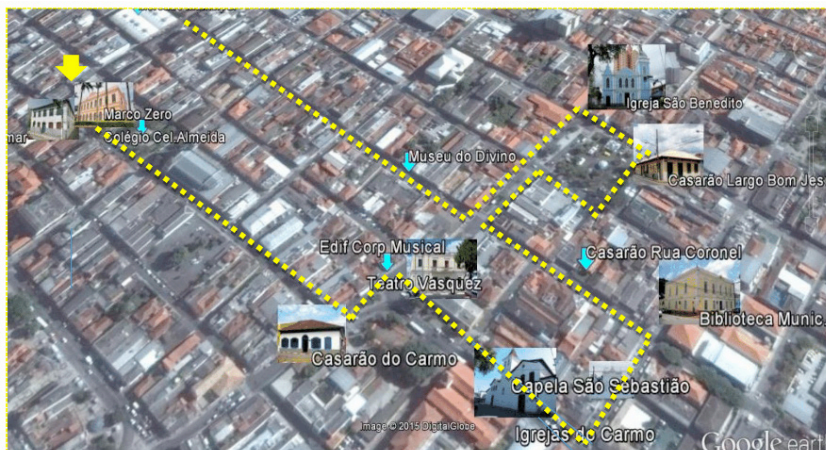


Figura 7.

Fonte: Mapa Google Earth 2015, adaptação com localizações dos Edifícios e indicações do circuito arquitetônico da autora. (2015)

O Roteiro elaborado com a percepção dos edifícios: Inicia-se no Marco Zero da Cidade, monumento que representa o início e formação da cidade de Mogi (COMPHAP, 2015), Edifício do Colégio Cel. Almeida, Museu prof.^a Guiomar (Figura 2), Casarão do Carmo (Figura 5), Edifício Corporação Musical, Teatro Vasquez (Figura 3), Conjunto Igrejas do Carmo (Figura 1), Capela São Sebastião, Biblioteca Acervo Municipal, Casa da Câmara, Casarão Rua Coronel, Casarão Largo Bom Jesus (Figura 6), Igreja São Benedito (Figura 4), Museu do Divino Espírito Santo, Museu do Imigrante, Finalização Mercado Municipal de Mogi das Cruzes.

Talavera, Soria e Valenzuela (2012) descrevem que um roteiro peatonal que insira atrações inerentes a paisagem urbana desempenham um papel fundamental aos moradores e visitantes; pois conhecer sua história denota uma novidade, provoca uma interação com o entorno, um interesse maior com cidade.

Joaquim (2013) afirma que para que o sentimento de pertencimento aos locais considerados patrimônio sejam regatados e integrados a sociedade, é necessária uma visão, um entendimento sobre a educação patrimonial, que caminha constantemente ao conhecimento e a prática da cidadania.

Bispo (2012) cita as políticas públicas para o patrimônio que antes visto apenas como bem artístico, histórico e cultural evolui de modo a envolver-se em contextos muito mais diversificados como memória, nacionalismo e identidade, pois com a diversidade cultural existente no Brasil, como definir o que deve ser ou não preservado? São tantas miscigenações, como europeia, africana e indígena, uma grande diversidade cultural, é preciso preservar com o intuito de resgatar a identidade de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O roteiro histórico central pode estabelecer critérios para criação de outros novos circuitos inerentes, relacionados a outras áreas que incitem o conhecimento da cidade.

Conhecer a cidade, sua arquitetura, suas técnicas construtivas usadas, entender seu histórico e preservá-lo. O passeio cultural pelos trechos que contam essa história da formação da cidade, incluindo seus moradores e visitantes como pertencentes à cidade, objetiva um novo olhar sob a ótica da universalidade e inclusão ao município.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO JUNIOR. MOZART DE. História Da Arquitetura Escolar Paulista Na Primeira República (1890-1920) – A Influência Da Arquitetura Na Formação Escolar Paulista. Universidade de Sorocaba. Disponível em <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/419MozartJunior.pdf>

BISPO, MARIANA NASCIMENTO (2011). Políticas públicas e o patrimônio histórico: das primeiras ações a economia da cultura – UERJ.

BRASIL. (2008). Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. Departamento de Desenvolvimento Rural Sustentável. Curso de Bioconstrução Texto elaborado por: Cecília Prompt - Brasília: MMA, 2008. 64 p

CANCLINI, NÉSTOR GARCIA. (1994). O Patrimônio Cultural e a construção imaginária do nacional. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico, Rio de Janeiro: IPHAN, n.º 23, 1994.

CANCLINI, NÉSTOR GARCIA. (1997). Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

COMPAPH. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes. Disponível em <http://www.comphap.pmmc.com.br/> acesso 15 out 2015

COMPAPH. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes. Tombamento definitivo do Theatro Vasques. Decreto Municipal n.º 9.241/2008. Resolução n.º 02, de 09 de outubro de 2012. Disponível em <http://www.comphap.pmmc.com.br/> acesso 15 out 2015

COMPAPH. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes. Tombamento definitivo do Casarão do Carmo. Decreto Municipal n.º 9.226/2008 e RESOLUÇÃO N.º 01, de 14 de fevereiro de 2012. Disponível em <http://www.comphap.pmmc.com.br/> acesso 15 out 2015

COMPAPH. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes. Registro de bens patrimoniais imateriais. Edital n.º 44, de 28 de dezembro de 2009 e Decreto 7970 de 10 de setembro de 2007. Disponível em http://www.comphap.pmmc.com.br/arquivos/44_2009.pdf acesso 15 out 2015

CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo). (2015)

DIOCESE DE MOGI DAS CRUZES. Disponível em: http://diocesedemogi.org.br/paroquias_pagina.php?id=17

GOOGLE. Google Earth. Version 7.1. (2016). Imagem via satélite do centro de Mogi.

GHIRARDELLO, NILSON. SPISSO, BEATRIZ. PATRIMÔNIO HISTÓRICO: COMO E POR QUE PRESERVAR. Grupo de Trabalho Patrimônio Histórico e Arquitetônico – 2008. Crea-SP - Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado de São Paulo. colaboradores: Gerson Geraldo Mendes Faria. Bauru, SP: Canal 6 (2008).

GUIMARAES, EVELINE (2006). O centro histórico de Mogi das Cruzes como instrumento de compreensão da história sócio cultural do município. Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP- UNESP/ Assis (2006)

HUE, Jorge de Souza. Uma visão da arquitetura colonial no Brasil. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em 10 out 2015

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Tombamento do Igrejas das Ordens Primeira e Terceira do Carmo. Resolução de Tombamento IPHAN em 04/9/1967, ex-officio em 12/05/1982, e Decreto Municipal n.º 701/1979. Disponível em http://www.comphap.pmmc.com.br/pages/igrejas_do_carmo.html

JOAQUIM, MICHELE SILVA (2013). Mogi das Cruzes: Um estudo sobre Patrimônio Histórico. Cultura Histórica & Patrimônio, Volume 1, número 2, 2013. ISSN 2316-5014.

LEITE, PEDRO CARLOS. (2013). Prédios do Centro Histórico de Mogi guardam a memória da cidade. Portal G1 Mogi das Cruzes e Suzano. Acesso em 10 out 2015.

MORAES, MARIO SERGIO DE. (2010). Nova história de Mogi das Cruzes. Editora Mogi News. p.104

PISANI, MARIA AUGUSTA JUSTI. (2004). Taipas: A arquitetura de terra. Sinergia, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 09-15, jan.jun. 2004.

PROMPT, CECÍLIA. (2009). Materiais-e-técnicas, taipa-de-pilão. Disponível em ceciliaprompt.arq.br

REIS FILHO, Nestor Goulart. Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial. São Paulo: EDUSP, 2001. 411 p.

SANDIM, ANA MARIA (2015). Presidente do COMPHAP. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural, Artístico e Paisagístico de Mogi das Cruzes.

SÃO PAULO. (2014). Museu da Cidade de São Paulo. Disponível em <http://www.museudacidade.sp.gov.br/taipadepilao.php>. Acesso em 27 jul. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria da Cultura do estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.cultura.sp.gov.br/>. Acesso em 15 out 2015.

TALAVERA, Rubén; SORIA, Julio Alberto; VALENZUELA, Luis Miguel. La calidad peatonal como método para evaluar entornos de movilidad urbana. Documents d'anàlisi geogràfica, v. 60, n. 1, p. 161-187, 2012.

ZAMAI, SILVIA BEATRIZ. (2008). Valorização do Patrimônio Cultural de Mogi das Cruzes. (Universidade Mackenzie).

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cidades Brasileiras 9, 29, 216

Conflitos Linguísticos 9, 12, 228

Conservação e restauro 10, 50, 51, 52

D

Documentação fotográfica 10, 1, 2, 5, 6, 8, 12, 16, 17

E

Educação 9, 12, 13, 47, 56, 59, 102, 125, 146, 170, 172, 173, 174, 177, 179, 202, 210, 224, 231, 233, 241, 242, 244, 245, 251, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 302, 303, 305, 307, 310, 311, 312, 313, 316, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 333, 335, 336, 339, 340, 342, 346, 347, 348, 349

Educação Patrimonial 224, 311, 313, 340

Educação Profissional 12, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 339

Ensino de Ciências 13, 304

Ensino de Geografia 12, 277, 278

Ensino de História 319, 349

Etnobotânica 102, 126

F

Feminino 9, 152, 153, 155, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 173, 180

Formação Continuada 9, 12, 13, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 291, 292, 299, 300, 301, 302

G

Gênero Biográfico 12, 199, 201, 202, 203, 207, 208, 209

I

Identidade 11, 12, 3, 10, 11, 17, 19, 35, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 59, 66, 73, 155, 165, 167, 169, 170, 172, 174, 178, 188, 192, 197, 203, 211, 212, 224, 233, 236, 239, 240, 251, 262, 263, 264, 265, 273, 296, 326

Iniciação científica 333, 339, 342, 343, 347

L

Ludicidade 311, 314, 315, 316, 317

M

Mobiliário Urbano 10, 18, 19, 20, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34

Morfologia 127, 128, 131, 133, 134, 136, 137

P

Paisagem cultural 10, 18, 20, 24, 25, 29, 30, 32, 41, 50, 69, 71, 72, 73, 82, 211, 213

Paisagem industrial 10, 69, 71

Paisagem rural 10, 69

Paternidade 9, 11, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 194, 323

Patrimônio ambiental urbano 50, 57, 63, 64, 66

Patrimônio Histórico Cultural 212, 214, 225, 226

Patrimônio industrial 62, 66, 69, 260

Pertencimento 9, 2, 4, 35, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 149, 159, 211, 213, 224, 282, 300, 302

Políticas Públicas 140, 147, 150, 178, 211, 213, 225, 275, 284, 286

Práticas agroalimentares 9, 11, 140, 142, 149, 151

Práticas Pedagógicas 269, 278, 282


S

Sabedoria popular 102

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 